

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

RESENHA DE SPOSITO, MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO E WHITACKER, ARTHUR
MAGON (ORGS.). CIDADE E CAMPO: RELAÇÕES E CONTRADIÇÕES ENTRE
URBANO E RURAL. 1ª ED. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2006. 248P.

Lenize Rodrigues Ferreira

Boletim Gaúcho de Geografia, 32: 151-154, dez., 2007.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37454/24205>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2007

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

Resenha de SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão e WHITACKER, Arthur Magon (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 248p.

Lenize Rodrigues Ferreira¹

O fio condutor da obra é a discussão dos conceitos cidade e campo, urbano e rural. Organizados por Maria Encarnação Beltrão Sposito e Arthur Magon Whitacker, os artigos apresentados resultam de debates no âmbito do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Presidente Prudente.

No artigo *Perspectivas sobre o urbano e o rural*, Ângela Endlich discute a relevância do embate rural/urbano para os estudos sobre as pequenas cidades. Expõe os critérios que têm sido utilizados no tratamento e caracterização do rural e do urbano: patamar demográfico, densidade demográfica e a ocupação econômica da população. Aponta para o problema de se considerar apenas critérios quantitativos para definir urbano e rural, sem levar em conta a historicidade presente nos fatos e processos. A autora defende que a questão do Brasil ser urbano ou não é mais ampla do que apontam os dados demográficos, sendo necessário levar em conta a historicidade, pois intensas transformações ocorreram nas últimas décadas.

O segundo artigo, *Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural*, de Mara Lúcia Bernardelli, propõe uma discussão sobre conceitos de cidade, urbano, rural, sabendo que não é possível chegar a uma definição única e precisa, devido à complexidade que envolve o tema. Com base no trabalho de Angulo e Domínguez (1991), a autora enumera os diferentes critérios utilizados para definir o que é cidade. Cita a obra de J. E. da Veiga (2002), onde o mesmo critica a definição de cidade adotada no país, bem como a de R. Abramovay (2000) que centra a discussão em uma avaliação sobre o conceito de rural. Apresenta as idéias de Milton Santos, que discute esta questão e propõe a substituição da clássica divisão do Brasil em rural e urbano, por dois grandes subtipos: os espaços agrícolas e os espaços urbanos. Segundo a autora, a definição de rural e urbano deve se apoiar num conjunto de elementos que permitam a leitura de um espaço num determinado tempo.

O urbano e o rural em Henri Lefébvre, de Oscar Sobarzo, tem por objetivo trazer as reflexões deste autor sobre o urbano e o rural, contribuindo para superar a visão formal estatística proposta por Veiga (2002). Segundo Sobarzo, as reflexões de Lefébvre vão além de uma preocupação funcional ou estatística, pressupondo um esforço de aproximação com a totalidade. “A

¹ Licenciada e especialista em Geografia. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES.

diferença entre espaços urbanos e rurais se produz em função da divisão do trabalho (...) mas essa separação pode e deve ser superada em função do crescimento das forças produtivas e de novas relações de produção” (LEFÉBVRE, 1999 apud SOBARZO, 2006, p.55). Essa superação está ligada às novas relações de produção. Não ocorre o desaparecimento do campo e das atividades agrícolas, urbano e rural permanecem como conteúdos sociais diferenciados, mas a oposição cidade/campo atenua-se. O urbano não se restringe à parcela da população que mora na cidade. Propõe pensar o urbano como um horizonte, uma virtualidade em constituição. Critica Veiga (2002) por ater-se aos dados formais e não ao conteúdo que os termos urbano e rural significam, valorizando o rural, quando na verdade se refere a uma extensão do urbano e da vida urbana em espaços rurais.

O texto *Reflexões em torno do urbano no Brasil* de William Ribeiro da Silva discute conceitualmente e metodologicamente a acepção do urbano e contribui para a superação do entendimento do urbano a partir de dados demográficos. Segundo o autor, é necessário entender como se travam as relações sociais no campo e na cidade, para avançar no entendimento do urbano. Recorre a trechos de Caio Prado Júnior para abordar o espaço rural, e de Manuel Castells sobre a questão urbana. Segundo Silva, ambos referem-se às questões sociais, mas não consideram o espaço enquanto produto, apenas como meio onde as relações sociais e econômicas se desenvolvem. No texto, é resgatado o conceito de formação socioespacial de Milton Santos, pois tanto a questão urbana quanto a questão agrária estariam imbricadas em uma “questão socioespacial” (p.73). O autor faz um breve histórico do processo de urbanização no Brasil e da sociedade atual, com o avanço do urbano, da seletividade, da segregação, da formação dos condomínios fechados, da criação dos guetos de sobrevivência. Segundo o autor, não se deve distinguir a população rural da urbana por critérios meramente demográficos, mas sim, por uma análise da complexidade da divisão social do trabalho, de acordo com suas diferentes territorialidades, que é condição primeira para a configuração do processo histórico da produção de cidades (p.78).

A idéia do artigo *Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição*, de Priscila Bagli, é repensar determinados aspectos para compreender as contradições expressas nos espaços rurais e urbanos. As mudanças só podem ser apreendidas e interpretadas pela relação aparência (formas) e essência (nível do mediato). A autora inicia sua reflexão pelo tempo. Tempo rápido no urbano, tempo lento no rural, e como tais tempos são apropriados pelas pessoas que vivem nesses espaços. Em um segundo momento, a autora aborda as relações cotidianas. No rural, estas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza, o que não significa

dizer que nos espaços rurais não há a determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista. Em outro ponto, a autora trabalha com hábitos urbanos e rurais, reflexo das relações estabelecidas no cotidiano, no entanto vê o consumo tornando-se comum aos espaços rurais e urbanos. Ao tratar das funções rurais e urbanas, aponta diferencialidades na apropriação do tempo, na relação com a terra e na constituição dos hábitos. Conclui abordando a existência de três tipos de paisagem: visível, sonora e sensível, que se distinguem conforme a realidade (urbana ou rural) que representam (p.102).

No texto de M. E. B. Sposito, *A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade*, a idéia é enfocar as relações que se estabelecem entre cidade e campo e entre o urbano e o rural a partir da urbanização e dos espaços urbanos. Segundo a autora, não basta elucidar as diferenças existentes entre esses dois espaços, seu estudo requer a compreensão das relações e complementaridades que se estabelecem. Certos atributos (concentração demográfica, diferenciação social e unidade espacial) sempre estiveram relacionados às cidades e permanecem como marcas das cidades, embora com suas peculiaridades, de acordo com os diferentes modos de produção e em diversas formações socioespaciais. Propõe abordar a questão cidade-campo a partir das descontinuidades territoriais. Reconhece a existência de um contínuo cidade/campo, de áreas de transição e contato entre esses espaços, que compartilham usos do solo, práticas socioespaciais e interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano.

O artigo *Cidade imaginada. Cidade concebida*, de Arthur Whitacker, propõe compreender os significados do par urbano e rural. Utilizando os conceitos de produção e morfologia urbana, o autor procura recuperar alguns pontos para compreender cidade e urbano, campo e rural. Segundo o autor, o conceito de cidade é tratado de forma equivocada, pois se baseia em dois pontos básicos: unidade funcional e contigüidade territorial. Discute-se a forma da cidade e do campo muito mais que a morfologia e o processo de produção socioespacial. Evidencia a necessidade de uma contextualização da urbanização (processo) e da cidade (forma por este assumida).

A idéia do texto de Marcos Saquet, *Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no sudoeste paranaense*, é elucidar aspectos da formação territorial dessa região, destacando sinais da relação urbano-rural. O autor sinaliza como aspecto importante a não definição do rural somente pela agricultura e do urbano somente pela indústria. Critica a invenção de palavras como rurbano. “O fundamental, é mostrar e explicar as relações sem eliminar as peculiaridades de cada espaço” (p.160).

No artigo *As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum*, de Lucelina Rosa e Darlene Ferreira, a idéia é compreender como as categorias campo, cidade, rural e urbano foram trabalhadas pelas

Ciências Sociais. O trabalho traz a discussão para o nível intramunicipal, apresentando estudo empírico do município de Araraquara (SP). Segundo as autoras, já no início do século XX, a compreensão teórica desses espaços vem tomando lugar. Foram nas décadas de 50 e 60 que os estudos sobre a temática rural-urbano se intensificaram, a grande maioria sobre um viés dicotômico. O processo de modernização do campo, intensificado no Brasil, a partir de 1960, representa um marco histórico para entender essa questão. No início do século XXI, as definições do campo e da cidade ganharam ênfase, questionando-se os referenciais estatísticos e apontando-se para novas tendências. As autoras enfatizam que alguns estudos se detêm apenas no ponto de vista econômico e que as transformações recentes estariam homogeneizando o campo. Resgatam obras como a de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978), que “salientava a importância de se perceber a interdependência entre rural e urbano, acima das diferenças” (p.193).

Antônio Firmino de Oliveira Neto no artigo *A incorporação do modo de vida urbano na região de fronteira do sul do território mato-grossense no início do século XX*, aborda como o surgimento de cidades nesse estado foi motivado tanto pela expansão do modo capitalista de produção, quanto pela ocupação da fronteira. Essa região caracterizava-se pela pouca definição de papéis urbanos exercidos pelos moradores dos vilarejos existentes. Segundo o autor, essa ausência de um comportamento urbano mais efetivo nos moradores era causada pela pouca inserção da região num sistema de trocas.

O artigo final, *O caráter urbano das pequenas cidades na região canavieira de Catanduva-SP*, de Mara Lúcia Bernardelli, aborda as transformações que ocorreram no último meio século e promoveram transformações não apenas nas cidades da região, mas em toda a extensão da rede urbana, trazendo a concentração de papéis em algumas cidades, enquanto outras perderam funções. Analisa esse processo a partir da produção de moradias construídas com recursos públicos, um elemento fundamental na reprodução da força de trabalho, que se articula aos interesses e estratégias da reprodução do capital. A autora discute o papel das pequenas cidades, suas transformações e os papéis que desempenham atualmente.

Mesmo não sendo possível chegar a um consenso sobre os temas tratados, o livro contribui como um suporte para pensar e refletir sobre temas tão em voga na Geografia. No mundo atual, com intenso processo de urbanização e crescimento urbano acelerado, os limites entre cidade e campo tornam-se mais intrincados suscitando diversos questionamentos. Fica claro ao longo dos artigos que as relações campo/cidade, rural/urbano são muito mais complexas que as definidas por dados estatísticos ou critérios demográficos, pois envolvem as relações sociais e a historicidade presente nos fatos.